

SER CRIANÇA OU PENSAR A CRIANÇA? A INFÂNCIA NO “ALMANAK LITTERARIO E ESTATÍSTICO DO RIO GRANDE DO SUL” (1889-1899)

ADRIANA KIVANSKI DE SENNA*

RESUMO

De acordo com o autor Cunnigham, não se faz essencial estudar as várias concepções da infância, mas sim, o exame de como tais construções sócio-culturais impactam diretamente a vida das crianças. Portanto, para o autor, se faz fundamental para a ampliação dos olhares historiográficos o exame do universo infantil, suas práticas e cotidiano. Dentro dessa proposta, no presente artigo objetivamos a análise da representação iconográfica da criança e suas brincadeiras no *Almanak Litterario e Estatístico do Rio Grande do Sul*, impresso nas “officinas a vapor da Livraria Americana”, na cidade de Rio Grande, e organizado por Alfredo Ferreira Rodrigues.

Palavras-chave: História social da infância – brincadeiras - imprensa

ABSTRACT

According to the author Cunnigham, does not essential to study the various conceptions of childhood, but rather an examination of how such socio-cultural constructions directly impact the lives of children. Therefore, for the author, becomes fundamental to the expansion of looks historiographical examination of the infant universe, and their everyday practices. Within this proposal, in this article we aim to analyze the iconographic representation of children and their brincadeiras in *Almanak Literary and Statistical Rio Grande do Sul*, printed in “officinas steam the American Bookstore” in the city of Rio Grande, and organized by Alfredo Ferreira Rodrigues.

Key-words: Social history of childhood - games - press

* Professora do Instituto de Ciências Humanas e da Informação da FURG; mestre em História do Brasil e doutora em História das Sociedades Ibero-americanas, pela PUCRS.

A História da Infância no Brasil se insere no campo de estudos da História Social, pois compreender as práticas e cotidiano da vida infantil nos permite perceber como as representações da criança se alteraram através dos tempos e como essas estão intrinsecamente ligadas às formas como a família e a sociedade se comportam frente a esse momento da vida humana. De pequeno adulto como a criança era vista na Idade Média até chegarmos à compreensão de que a ideia de infância seria uma construção sócio-cultural, tivemos no Brasil um gama de trabalhos centrados nos estudos sobre a criança. De acordo com Mirian Jorge Warde:

Atravessando essa produção, verificam-se intenções, tácitas ou assumidas, de pensar a criança – ou o jovem – do ponto de vista histórico-cultural ou histórico-social – como “construção social”. Ainda que a ideia de “construção social” não seja densamente estabelecida e operada – no caso, não importa se de modo tácito ou explícito –, patenteia-se, na literatura examinada, o intento de tirar de cena a “criança” empírica para deixar entrar a “infância” (WARDE, 2007:22).

As formas como a infância vêm sendo estudada, pontuando diversos enfoques, conforme discorreu Warde, demonstra que ainda se fazem necessários olhares compromissados com a análise e compreensão das práticas e cotidianos da infância no Brasil. Um dos principais referenciais utilizados no Brasil nos estudos da infância é a obra de Philippe Ariés, na qual, o autor propõe uma desconstrução do “mito da criança” ou do chamado “mito da infância natural”, pois para o autor, o ser criança é fruto de uma construção social, histórica e cultural promovida dentro e fora da família. Em perspectiva semelhante, afirmaram Cordeiro & Coelho que a visão medieval sobre a infância estava sustentada pela própria definição do termo, pois:

[...] a definição da palavra infância, oriunda do latim *infantia*, significa ‘incapacidade de falar’. Considerava-se que a criança, antes dos 7 anos de idade, não tinha condições de falar, de expressar seus pensamentos, seus sentimentos. Desde a sua gênese, a palavra infância carregava consigo o estigma da incapacidade, da incompletude perante os mais experientes, regulando-lhes uma condição subalterna diante dos

membros adultos. Era um ser anônimo, sem um espaço determinado na sociedade. (CORDEIRO; COELHO, 2007, p 884).

Se o termo infância inferia incapacidade de auto-gerência e formulação de pensamento independente, podemos compreender porque a adolescência foi algo que por muito era ignorado, como se o sujeito pudesse passar de um estágio infantil para o adulto apenas por alcançar determinada idade, como demonstra a análise dos autores citados. Em sua obra Ariés analisa que essa visão fez parte de um momento histórico determinado com certas condições de vida e que após o século XVII tal ideia se altera de forma contundente e de pequeno adulto a criança passa a “paparicação”, afinal

um sentimento superficial da criança a que chamei de ‘paparicação’ era reservado à criancinha em seus primeiros anos de vida, enquanto ela ainda era uma coisinha engraçadinha. As pessoas se divertiam com as crianças pequenas como um animalzinho, um macaquinho impudico. Se ela morresse então, como muitas vezes acontecia, alguns podiam ficar desolados, mas a regra geral era não fazer muito caso, pois outra criança logo a substituiria. A criança não chegava a sair de uma espécie de anonimato. (ARIÉS, 2006, p.10)

Ainda se referindo aos século XVII, o autor demonstra como aos poucos a visão sobre a infância foi se alterando, mas ainda de forma precária e rude. Na mesma direção Michel Foucault afirma que a ideia de infância é uma construção legitimada entre os séculos XIX e XX em decorrência da ação da pedagogia e da psicologia, as quais teriam atuado como disciplinadoras e modeladoras da infância através de ações promovidas pelo espaço escolar. Dessa forma, o ser criança estaria na visão foucaultiana inserido dentro das práticas disciplinadoras e normatizadoras promovidas pela escola, Estado e sociedade.

Em vertente contrária, o autor Cunnigham afirma que não se faz essencial estudar as várias concepções da infância, mas sim, o exame de como tais construções sócio-culturais impactam diretamente a vida das crianças. Portanto, para o autor, se faz fundamental para a ampliação dos olhares historiográficos o

exame do universo infantil, suas práticas e cotidiano. Dentro dessa proposta, no presente artigo objetivamos a análise da representação iconográfica da criança e suas brincadeiras no *Almanak Litterario e Estatístico do Rio Grande do Sul*, impresso nas “officinas a vapor da Livraria Americana”, na cidade de Rio Grande, e organizado por Alfredo Ferreira Rodrigues

É bastante comum interessarmo-nos pelo universo infantil: suas brincadeiras, suas formas de expressão e representação, seus interesses de um modo geral. Para aqueles, que como eu, são mães e pais, mais de perto nos toca esse tema. Desde quando as crianças tornaram-se tão importantes na nossa sociedade? Desde sempre, dirão muitos. Mas, na verdade, esse interesse pelo mundo da criança e por ela mesma é significativamente recente.

A própria representação iconográfica da criança, como a vemos diariamente, só foi elaborada a partir do século XVII; anterior a esse período, o mais usual eram as “miniaturas” de adultos (adultos representados numa escala menor, tentando indicar que tratavam-se de crianças); vesti-las, nos primeiros cinco ou seis anos de idade, era também uma prática indistinta: meninas e meninos usavam vestidos (no caso dos meninos, vestidos abertos na frente e abotoados e para as meninas um modelo idêntico ao de sua mãe).¹

Nem mesmo a maternidade dispunha de uma conformação tão visceral como hoje a reverenciamos. A perspectiva de perdas das crianças em idades tão tenras pareciam provocar certo desapego a um ser tão incerto de sobreviver. Na transição do século XVIII para o XIX, e principalmente ao longo deste, é que as crianças foram incorporadas e assimiladas pelo ambiente doméstico com mais interesse e intensidade. Os encantos, daqueles pequenos graciosos, serviam de distração aos adultos, que dão sinais evidentes destes novos interesses: proliferam as cartas de vovós orgulhosas dos sussurros de seus netinhos, pinturas e depois fotografias destes pequenos tornam-se mais comuns a cada dia.²

1 Philippe Ariès, na clássica obra *História social da criança e da família*, abordará, principalmente nos primeiros capítulos, a trajetória de inclusão do universo infantil nas representações sociais européias.

2 Ver a esse respeito a excelente obra de Elisabeth Badinter, *Um amor conquistado: o*

Se esta descrição parece típica do cenário europeu, não está distante daquilo que se passava aqui nos trópicos. As clássicas representações infantis, que de súbito nos povoam a lembrança, estão intimamente ligadas a uma “miniaturização” daquilo que se passa com os adultos: crianças brincando, lindamente vestidas e muito semelhantes aos pais; ou sua antítese: o menor relacionado com o trabalho, com as lidas do campo, de quem o “Negrinho do Pastoreio” é a mais viva lembrança.

Se é com saudades que nos recordamos das brincadeiras infantis, da despreocupação com o porvir, tão típicos de nossos primeiros anos, é com a mesma nostalgia que teremos alguns adultos escrevendo, nos últimos anos do século XIX, sobre a infância vivida, passada e perdida.

No século XIX, mais precisamente na segunda metade, tornou-se bastante frequente a leitura dos “almanaques”, publicações normalmente anuais e multifacetadas no seu conteúdo: de biografias ao calendário lunar; dos feriados aos poemas e sonetos; das informações científicas aos tão apreciados conselhos e reminiscências. Estes anuários e almanaques (notadamente no Rio Grande do Sul) eram também responsáveis por tornar acessível a história, ainda que épica, do povo gaúcho.

Muito apreciado no estado sulino foi o *Almanak Litterario e Estatístico do Rio Grande do Sul*, impresso nas “officinas a vapor da Livraria Americana”, na cidade de Rio Grande, e organizado por Alfredo Ferreira Rodrigues.

Alfredo Ferreira Rodrigues nasceu em Rio Grande em 1865, podendo ser descrito como “pesquisador, ensaísta, historiador, cronista, literato, jornalista, biógrafo, tradutor, folclorista, charadista, poeta e professor”, representando, desta forma, o “homem de cultura de seu tempo”.³

A revista “Província de São Pedro” descreve-o como um

mito do amor materno (a edição brasileira é da Nova Fronteira), que questiona a condição essencial da mulher, e ponto alto de sua realização, na maternidade.

3 Na obra *Historiadores rio-grandinos*, organizada por Francisco das Neves Alves, há três artigos que referenciam Alfredo Ferreira Rodrigues: “Documentos de um historiador rio-grandino: a coleção Alfredo Ferreira Rodrigues no acervo da Biblioteca Rio-Grandense (levantamento parcial de fontes)” e “Alfredo Ferreira Rodrigues e a “paz honrosa” de 1845”, de Francisco das Neves Alves e ainda “Alfredo Ferreira Rodrigues: o historiador e a Revolução Farroupilha”, de Cátia Rejane Machado Lisboa..

homem generoso e justo, pai amoroso e dedicado e marido companheiro e fiel. Descreve mesmo que, para não perturbar sua família, omitiu destes seus problemas de saúde para que “o seu mal físico não anuviasse, por momentos sequer, a atmosfera espiritual que balsamizava o seu lar, a custa de retaliações morais e artísticas.”⁴ À mesma página, ainda encontramos a forma afetuosa e saudosa com que foi lembrado Alfredo Ferreira Rodrigues, numa descrição do “tranquilo velhinho”:

Era esse o tranqüilo velhinho, que manuseou, ao mesmo tempo, drogas farmacêuticas e epopéias históricas, receitas médicas e poemas, amostras, bulas e crônicas literárias, sempre muito ocupado em passar despercebido, procurando diminuir-se até desaparecer, mas grandioso, contra sua vontade, imortal, contra o seu temperamento, redivivo contra o seu gosto, na gratidão dos pósteros, pelo seu trabalho incansável, e pelo seu combate em prol da beleza, da verdade histórica, das coisas e das gentes do nosso querido Rio Grande.

O Almanak Literário e Estatístico do Rio Grande do Sul começou a ser editado a partir do ano de 1889 e estendeu-se até 1917, num formato anual e consecutivo. Recebia a colaboração de assinantes e leitores de todas as partes do estado gaúcho. Estas contribuições deviam ser encaminhadas para a Livraria Americana (responsável pela publicação do almanaque), na cidade do Rio Grande. Nas páginas iniciais do Almanak é bem clara esta observação. Para o ano de 1896, por exemplo, o prazo para o recebimento dos originais expirava em 15 de maio do dito ano.

O Almanak, de proporções modestas (media 17cm x 12cm), era graficamente muito estimulante, misturando informação escrita e visual, proposta interessante para a sua época, tendo em conta as dificuldades e limitações da editoração.

Manuseando atentamente o Almanak, disponível na Biblioteca Rio-Grandense, deparei-me com uma sucessão de exposições sobre a infância, que se repetiam anualmente. Escolhi, desta forma, trabalhar com os primeiros dez anos de publicação do

4 Revista *Província de São Pedro*, número 18, página 50. Encontrei-a no site: www.ipct.pucrs.br/letras/saopedro/htm/18/050.HTM

referido almanaque, período compreendido entre os anos de 1889 e 1899 e observar como esta temática era representada naquele anuário. Pude perceber, numa análise externa do documento, que as disposições gráficas, temáticas e imagéticas, reproduziam-se com pouquíssimas alterações ao longo destes dez primeiros anos, ocorrendo inclusive o aproveitamento de mesmas imagens para ilustrar fatos semelhantes, mas em distintos anos, como por exemplo a representação de uma cena infantil, de crianças brincando, para fazer alusão a infância, ou de uma criança, de ar tristonho, que invoca um sentimento de culpa por uma falta cometida, utilizada ao longo dos anos, toda vez que se queria recorrer a algo semelhante.

Em 1889, o Almanak preocupou-se em expor aos pais os benefícios da ingestão, moderada, de açúcar no organismo infantil. “O assucar e as creanças”, título usado nesta seção, fala da propriedade estimulante do açúcar, creditando-se a este a faculdade de tornar os pequenos inquietos; em demasia tudo é inconveniente, inclusive o açúcar, mas, se tratado como um auxiliar e facilitador da “digestão da comida albuminosa”, teremos então um importante aliado.

É interessante notar que, como o interesse pelo universo infantil se consolidou, definitivamente, ao longo do século XIX, a preocupação com aquilo que era ingerido pelos pequenos merecia a atenção dos pais. Esta é a típica publicação que se pode associar aos “conselhos” de que as mães tanto esperavam para melhor criar seus filhos.

No mesmo ano de 1889, o texto “O balbuciar da infância”, foi reproduzido dos escritos de Victor Hugo e aborda, numa forma um tanto melancólica, a ingenuidade pueril prestes a se desfazer quando ingressar na vida adulta; é uma narrativa perpassada pela ideia do porvir, mesclada da dualidade ontem/amanhã, que assim se traduz:

Esse balbuciar compõe-se do que a criança dizia, quando em anjo, e do que dirá, quando for homem; o berço tem um ontem, assim como o túmulo tem um amanhã; esse amanhã e esse ontem misturam nesse gorjear obscuro o seu duplo mistério; e nada prova tanto a existência

de Deus, a eternidade, a responsabilidade, a dualidade do destino, como essa sombra formidável nessa alma cor de rosa.⁵

A associação da infância com a doce e saudosa figura materna é bastante recorrente neste almanaque. Ainda em 1889 é neste tom saudoso que “A infância” evocará as recordações despreocupadas do passado, nos tempos de criança, em que o futuro, ainda que incerto, nem sequer era pensado; para as dificuldades da vida, que pudessem ocorrer, havia a recordação dos bons ensinamentos proferidos pela mãe, manancial que ajudaria qualquer um a seguir na vida dentro de uma moral sã e de bons costumes. A nota termina com a evocação de um poema português que enaltece a figura materna. De forma semelhante em 1895 se publicará “Amor filial”, tem por finalidade destacar a gratidão que devemos ter pelos cuidados que os nossos pais tiveram conosco na infância, destacando algumas passagens em que o amor filial foi reforçado em atitudes de zelo, atenção e cuidados com os pais e termina por assim concluir este autor/colaborador de Passo Fundo, Thomé Gonçalves Ferreira Mendes:

O amor filial, além de ser uma obrigação imprescindível, é um dos mais belos ornamentos do coração humano. É como a pedra de toque do homem, pois que jamais poderá ser um bom cidadão e chefe de família aquele que tiver sido um filho ingrato. E o nome de ingrato faz estremecer aqueles que conhecem os deveres sociais.

Imaginal, portanto, o papel hediondo que representa o filho ingrato perante a sociedade, os remorsos de que será preso e os tormentos de sua alma angustiada, e tereis idéia exata da sublimidade do amor filial.

Outra ocorrência usual era a da descrição dos anos escolares. “Na aula”, de 1890, o autor, A. A. B., descreve seu primeiro dia de aula, que vai da timidez ao entrosamento e entusiasmo junto aos colegas, passando pelo medo da palmatória. A lembrança da infância, via de regra, é sempre saudosa. Ainda neste ano, o texto “A infância”, destinado ao “Sr. A. C. de Oliveira Fernandes”,

⁵ Almanak Litterario e Estatístico do Rio Grande do Sul, 1889:49.

conceitua a infância como “a primavera da vida”, aludindo ao tempo dos sonhos possíveis e impossíveis no coração humano. É interessante notar que neste artigo predomina a idéia de que a criança não sofre e não se entristece, vivendo apenas de despreocupados momentos:

A vida se esvai como um floco de neve e a tristeza jamais ensombra o nosso espírito. Na alma, no pensamento, a dor, a ilusão, a fé, o desalento nascem e morrem como um idílio e nada perdura, porque nada é firme e coerente. Existe apenas o sentimento casto da mais pura inocência e o céu da vida está delimitado pelas santas alegrias do lar. Não existem paixões, não existem saudades; a musa da razão é vaga, como uma nuvem perdida no espaço, e só as delícias do prazer nos encantam.

Ao lado dessas doces lembranças, aparecem algumas narrativas que aproximam as ações infantis do mundo complexo dos sentimentos adultos. É o que aparece em “A invejosa”, de 1890; em “Crueldade infantil”, de 1893; “A criminosa”, publicado no almanaque de 1894 e “Pezares”, de 1897, para o que a tipografia utilizou-se da mesma composição de imagens gráficas nos diferentes anos.

Ao destacar o sentimento da inveja, o rio-grandino A. S. Pires, autor do texto, nos narra a história de uma menina com inveja das demais colegas de escola que podem brincar no horário de recreio, enquanto ela, por estar de castigo, não pode. A zombaria das colegas, que ridicularizam sua condição, levam a menina a ficar furiosa e incorrer em novos delitos, padecendo de outros castigos. Segundo o autor por conta da “inveja” é que a menina piorou sua condição inicial e acredita ele “de quantos males não é ela a causa neste mundo!”

O tema da crueldade infantil é relatado na proeza de uma menina que, às escondidas da mãe, abriu a gaiola do canário para ver a reação deste diante do gato que o espreita. A menina ainda é descrita como sanguinária e raivosa, uma vez que os ataques contra as pobres bonecas são sempre lastimáveis. Estes atos violentos desta menina são comparados, pelo autor deste escrito de 1893, como o prelúdio a uma futura sogra!

O sentimento de tristeza, pela culpa, desta narrativa de

“Pezares”, é um questionamento a todas as possibilidades que poderiam estar entristecendo a uma pequena menina; teria discutido com a irmã ou desobedecido a mãe? Quebrado algum objeto? O que importa é que a criança, pelo seu choro, expressa o arrependimento do que possa ter cometido e que segundo o autor é sempre menos importante do que a atribuição conferida pelos pais.

É de se notar que os três textos, que destacam os sentimentos de inveja, maldade e remorso ou culpa, são identificados por uma figura feminina, ainda que infantil, mas que bem expressa uma percepção muito comum à época de que estes sentimentos irascíveis são próprios do sexo feminino; portanto é de se esperar que sejam as meninas que evidenciam esses comportamentos e não os meninos, já que no almanaque, os garotos não são assim identificados.

Quando a ideia é destacar as virtudes domésticas, as meninas são idealizadas como figuras que assumirão a direção doméstica de um lar. Em 1891, em “Uma dona de casa”, foram destacadas as virtudes domésticas de uma pequena órfã que assumiu o controle da casa e os cuidados com o irmão menor, por quem passa a desenvolver uma afeição “maternal”, como se fosse da natureza feminina tornar-se mãe e expressar este sentimento materno por quem necessitasse e não só pelos filhos que concebesse.

Aos meninos são atribuídas as traquinagens, como a descrita em 1891 e com o título de “Um desastre” onde é dado destaque ao fato de que, sempre que podem, as crianças aprontam alguma arte. Pela iniciativa do menino, resolveram levar a irmã menor para passear sentada num pequeno carrinho, puxado pelos maiores, que num lapso de distração “perdem” a irmã menor no trajeto, só dando pela falta da pequena quando ouvem seu choro. Com o remorso por terem se descuidado da menor, cobrem-na de mimos e retornam a casa “como grandes criminosos esmagados pelo peso da consciência.”

Outra travessura infantil, também atribuída a um menino, publicada em 1897 sob o título “Castigo merecido”, nos dá conta das tentativas de um garoto em furtar da casa vizinha as

tentadoras uvas; não teve sucesso o garoto: ficou preso entre o cão que o espreitava e o dono da casa, que poderia puni-lo com certo rigor. O autor conclui reforçando a prédica de que para cada ação existe uma reação, portanto devemos fazer bom uso das nossas escolhas.

Os sonetos e poemas publicados no almanaque também abordaram, em alguns momentos, o tema da infância, tratando-se, principalmente de reproduções pessoais e particulares de como eram vistos seus pequenos rebentos; “Diplomacia infantil”, de 1891, mostra a astúcia do sobrinho da autora em convencer sua irmã de o brinquedo que possuía era melhor do que o da irmã e por isso deveriam trocar, numa clara alusão de que o menino queria mesmo era o brinquedo da irmã.

Igual interesse são os sonetos ou verdadeiras odes aos filhos, principalmente o primeiro, e que os pais faziam questão de ver publicada. É o caso de “O primeiro filho”, que aparece em 1891 e que fala da angustiante espera do pai pelo nascimento do primeiro filho, comparada a dor física da mulher ao dar à luz. O autor desse fragmento é o paraense Aprígio Nascimento.

De Bagé, Santos Souza enviou para publicação em 1894 “Meu filho”, onde expressa em um soneto a hora derradeira de sua existência e todo o fulgor do futuro que espera seu filho, deixando conselhos para que seu jovem filho possa encaminhar-se na vida, sabendo distinguir entre o certo e o errado e fazendo a melhor escolha.

Todo o desejo de melhores votos ao filho que nasce se expressa nesse poema de Luccio de Mendonça, publicado no almanaque de 1896, que transcrevemos

“Ao meu primeiro filho

Meu filho, uma onda de emoção sagrada
encheu-me o coração quando vieste
alumiar-me a vida, qual dourada
rompa a manhã depois de noite agreste.

Eras meu filho! Tremula avezinha,
um sopro bastaria a dar-te a morte.

Oh! Como então, vida da vida minha,
para te proteger senti-me forte!

E via-te, já homem, a meu lado,
intrépido soldado do direito,
amparando-me o braço fatigado,
aceso em nobre fé o altivo peito.

Não me desmintas a visão solene
deste esplêndido sonho, e apenas basta
que honestamente cumpras o que ordene
teu coração de moço entusiasta.

Ama o povo, abomina a tirania;
defende o fraco, luta com a maldade
sem tréguas nem perdão, filho; confia
na justiça, no amor e na verdade.

Chovam-te minhas bênçãos aos milhares!
e, se meu coração todo desejas,
segue-me os passos. Mas se apostatares,
filho do meu amor, maldito sejas.”

Em qualquer tempo, queremos sempre o melhor para nossos filhos! Na verdade, a ideia de que todos os nossos esforços, desejos e atenções se direcionam para os nossos filhos também foi expressa em 1897, sob o título “Filhos”, abordando a amorosa relação que une pais e filhos e revelando que só aqueles que são pais podem entender essa relação

No ano de 1899, último de nossa observação, há o retorno ao saudosismo dos tempos de infância, das brincadeiras descuidadas em que não é preciso preocupar-se com o futuro, pois tudo de que precisa está no aqui do momento vivido.

A infância, no Almanak Litterario e Estatístico do Rio Grande do Sul foi percebida através de diferentes nuances: ora como um tempo de cuja saudade somos prisioneiros, ora como a expressão de preocupações e cuidados a que deviam receber. Os primeiros tempos da existência humana são percebidos e abordados como expressões dos anseios adultos em relação a um futuro melhor, como se pudessem apostar outras fichas numa

nova geração.

Conselhos e sonetos mesclaram-se com comentários pueris; de ser inocente a depositário dos piores sentimentos humanos, os meninos e meninas mereceram a atenção deste almanaque gaúcho, representando os desconhecimentos que ainda persistiam sobre o universo infantil, tão rico e peculiar. Portanto, apesar de nos propormos a compreender como as representações da infância teriam impactado a mesma, através de nossa análise das fontes aqui apresentadas, alcançamos apenas uma parte de nosso estudo, pois nos foi possível perceber somente quais eram os instrumentos pelos quais a infância era representada e assim, vista no final do século XIX.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ALVES, Francisco das Neves. (org.) *Historiadores rio-grandinos*. Rio Grande: FURG, 2001.

ARIÉS, Philippe. *História social da criança e da família*. 2.ed., Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

BOTO, C. O desencantamento da criança: entre a renascença e o século das luzes. In: FREITAS, M. C. de; KUHLMANN, M. *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: Cortez, 2002.

CORDEIRO, Sandro da Silva; COELHO, Maria das Graças Pinto. **Descortinando o conceito de infância na história:** do passado à contemporaneidade. Junho. 2007. Disponível em: http://www.faced.uf.br/colulhe06/anais/arquivo/76SandroSilvaCordeiro_MariaPintoCoelho.pdf. Acesso em: 28/11/2008.

CUNNINGHAM, H. Histories of childhood. *The American Historical Review*, Washington, DC, v. 103, n. 4, p. 1195-1208, oct 1998.

DAVIS, J. Book review, the future of childhood: towards the interdisciplinary study of children. *Children & Society*, London, v. 21, p. 154-156, mar. 2007.

FERREIRA, A. G. A infância no discurso dos intelectuais portugueses do

antigo regime. In: FREITAS, M. C. de; KUHLMANN, M. *Os intelectuais na história da infância*. São Paulo: Cortez, 2002.

FORACCHI, M. *A juventude na sociedade moderna*. São Paulo: Pioneira, 1972.

FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 1975.

PRIORE, Mary Del (org.) *História da criança no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1991.

RODRIGUES, Alfredo Ferreira. Almanak Litterario e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1889. Rio Grande: Livraria Americana.

RODRIGUES, Alfredo Ferreira. Almanak Litterario e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1890. Rio Grande: Livraria Americana.

RODRIGUES, Alfredo Ferreira. Almanak Litterario e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1891. Rio Grande: Livraria Americana.

RODRIGUES, Alfredo Ferreira. Almanak Litterario e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1892. Rio Grande: Livraria Americana.

RODRIGUES, Alfredo Ferreira. Almanak Litterario e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1893. Rio Grande: Livraria Americana.

RODRIGUES, Alfredo Ferreira. Almanak Litterario e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1894. Rio Grande: Livraria Americana.

RODRIGUES, Alfredo Ferreira. Almanak Litterario e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1895. Rio Grande: Livraria Americana.

RODRIGUES, Alfredo Ferreira. Almanak Litterario e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1896. Rio Grande: Livraria Americana.

RODRIGUES, Alfredo Ferreira. Almanak Litterario e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1897. Rio Grande: Livraria Americana.

RODRIGUES, Alfredo Ferreira. Almanak Litterario e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1898. Rio Grande: Livraria Americana.

RODRIGUES, Alfredo Ferreira. Almanak Litterario e Estatístico do Rio Grande do Sul para 1899. Rio Grande: Livraria Americana.

WARDE, Mirian Jorde. Repensando os estudos sociais de história da infância no Brasil. Disponível em: http://www.perspectiva.ufsc.br/perspectiva_2007_01/3-Mirian.pdf, acesso em 01/04/2012.